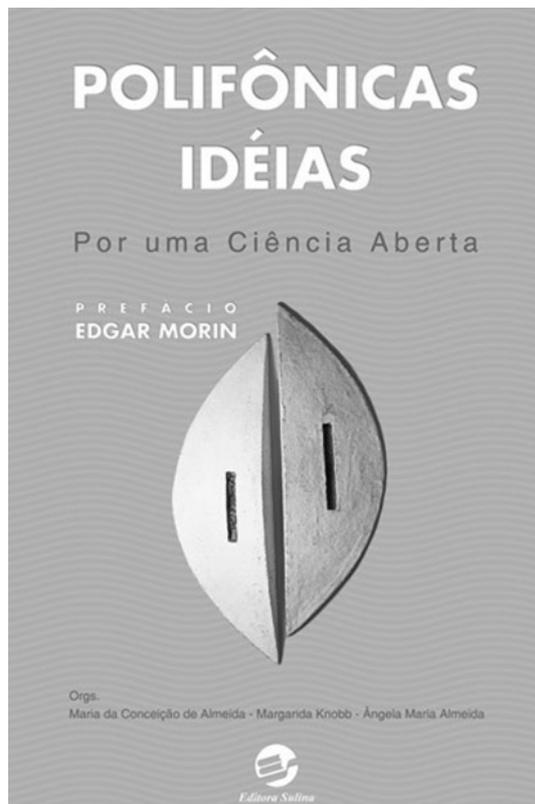


# Constelação de saberes no livro Polifônicas Idéias



**Aristeu Araújo**

Jornalista e estudante de cinema na UFF

POLIFÔNICAS IDÉIAS, título de livro lançado pela Editora Sulina, remete a um burburinho de vozes. Também se refere à diversidade de pensamentos, discussões e incertezas, pontos e contrapontos. Na prática, são 68 textos assinados por vários estudiosos do Brasil e do mundo que têm como norte a discussão/implantação do pensamento complexo - marco unificador da obra de Edgar Morin, quem, aliás, assina parte do prefácio e um dos artigos publicados. O prefácio, inclusive, é também assinado por outros cinco pesquisadores. Não à toa, trata-se de um preceito óbvio para a complexidade: a polifonia.

O livro *Polifônicas Idéias: Por uma Ciência Aberta*, é fruto do Grupo de Estudos da Complexidade, o Grecom, existente há mais de dez anos. O grupo é sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sendo ligado aos Programas de Pós-Graduação de Educação e Ciências Sociais. O Grecom é o primeiro do estilo no Brasil e também é parte da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin para o Pensamento Complexo, com sede em Buenos Aires, na Argentina.

O projeto *Polifônicas Idéias*, no entanto, não nasceu livro. Primeiro, a proposta partiu do jornal *Tribuna do Norte* - um dos diários de maior circulação em Natal - para que o Grecom assumisse uma página semanal no periódico. Depois de planejado e batizado, o primeiro artigo foi às bancas em 17 de junho de 2000 e, de forma ininterrupta, outros textos foram levados ao público, por todos os sábados seguintes, até maio de 2003, quando o projeto foi cancelado pelo jornal. Motivo: o excessivo enxugamento de pessoal e conteúdo que tem atingido grande parte da imprensa nacional, resultado das

---

mais diversas crises econômicas e não econômicas.

Pouco antes do cancelamento, em março deste ano, o Polifônicas... virava livro. A tarefa de organizar e escolher os artigos que entraram na publicação ficou a cargo de três pesquisadoras do Grecom: Maria da Conceição de Almeida, coordenadora do grupo; e as jornalistas Margarida Maria Knobbe e Ângela Almeida.

Foi selecionada para o livro praticamente metade dos artigos que até o momento a página "Polifônicas Idéias" havia veiculado. Os artigos restantes poderão, futuramente, compor um novo livro, traçando assim uma segunda coletânea.

Parece muito, mas os 67 artigos que integram o livro - além do poema "Nunca o amor me foi redondo", da matemática e teóloga Teresa Vergani -, conseguem traçar um perfil do pensamento complexo, bem como fazer um esboço de como a reforma do pensamento, proposta por Edgar Morin, está sendo aplicada no Brasil e em outros países.

Através do livro também é fácil perceber a dedicação que essa rede de estudiosos tem à discussão das idéias e noções da complexidade, seja em várias universidades do Brasil, na Argentina, França ou Portugal, para citar apenas alguns dos países de onde surgem colaborações.

Nomes de importantes pesquisadores compõem o livro, como Raúl Domingo Motta, diretor do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo e coordenador da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin; Basarab Nicolescu, diretor do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares, sediado na França; Edgard de Assis Carvalho, coordenador do Núcleo de Estudos da Complexidade da PUC-SP; Terezinha Mendonça, presidente do Instituto de Estudos da Complexidade-RJ; Henri Atlan, médico biólogo, professor da Universidade de Paris IV e da Universidade de Hadassa, em Jerusalém;

Juremir Machado da Silva, pesquisador do CNPq e professor da PUC-RS; Norval Baitello Júnior, diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP; M. Marta G. Hussein, presidente da Sociedade de Bioética do RN.

Essa é apenas uma parte da rede de discussão e colaboração que está conseguindo colocar em prática um dos princípios que o pensamento complexo propõe ao ensino, o diálogo, ou a dialogia. Dessa forma, os mais diversos posicionamentos éticos, culturais e científicos são postos sobre a mesma mesa, permitindo o acesso ao pensamento multidisciplinar. De acordo com a coordenadora do Grecom, Maria da Conceição de Almeida, "para que a ciência possa se tornar um discurso pertinente sobre o mundo, ela precisa ultrapassar os muros dos laboratórios e gabinetes e se fazer entender, comunicar".

### O pensamento complexo

Estamos vivendo uma revolução no saber. Revolução mais importante até do que a causada na história do pensamento humano com a descoberta da microfísica, da energia nuclear, do constante fantasma de uma hecatombe atômica que nos acompanha há pelo menos cinco décadas. A afirmação é de Edgar Morin, fundador e presidente da Associação para o Pensamento Complexo, sediada em Paris.

No prefácio do Polifônicas..., Morin explica sua posição. A defesa é de que hoje há turbulências de todo tipo que maceram, modificam o pensamento e o saber científico. Exemplos: as divisões disciplinares e o crescente sentimento de incerteza. Para Morin, "temos o sentimento de que algo envelheceu irremediavelmente nos métodos que conheceram o sucesso, mas que hoje não podem mais responder ao desafio global".

Em outras palavras, o pensamento complexo propõe uma visão contextualizada

---

do mundo, inclusive religando as ciências e as artes, a humanidade e os demais seres vivos, a fé e a razão, o cérebro, a mente e o espírito, o masculino e o feminino, a Terra e o cosmos, o oriente e o ocidente.

Para a complexidade, não é mais possível fazer ciência a partir da excessiva fragmentação do saber, com seus tentáculos cada vez mais afunilados, cada vez mais especializados. A academia cria pesquisadores ultra-aprimorados que, no entanto, não conhecem e não participam do contexto onde estão inseridos, ou mesmo onde estão inseridos os seus objetos de estudo.

Por outro lado, essa mesma superespecialização do conhecimento é responsável pelo enorme avanço, antes jamais visto pelo homem. Contraditoriamente, a informática, que herda da eletrônica os seus primeiros passos, só se difundiu a partir da Segunda Guerra Mundial - assim como a internet é herança da Guerra Fria.

A fragmentação do saber, que nasce com o método cartesiano lá pelos idos do Iluminismo francês, revolucionou a ciência. Hoje, entretanto, são suas próprias sementes que estão imbuídas pelo dualismo, pela necessidade de reunificar os galhos da árvore do conhecimento. As mesmas sementes que germinaram o positivismo acadêmico estão sendo responsáveis por sua derrocada, são elas próprias responsáveis por suas contradições. Algo semelhante com o que Karl Marx previu para o sistema capitalista, em seu tratado *O Capital*.

Ainda no prefácio de *Polifônica Idéias*, Edgar Morin analisa: “Assistimos a um big bang do saber que corresponde ao big bang atual que abala as teorias cosmológicas, e este próprio, de uma maneira misteriosa, corresponde ao big bang que produziu as galáxias, os planetas, os seres vivos e nós mesmos. Foi o conhecimento científico que produziu o big bang. Foram os desenvolvimentos da teoria geral dos sistemas, da cibernética, os progressos das ciências cognitivas, da

biologia, da ecologia, da geofísica, da pré-história, da astrofísica e da cosmologia que produziram esses abalos que observamos. Contudo, é também esse mesmo conhecimento científico que, preso aos seus velhos demônios laplacianos e seus velhos reflexos disciplinares, freia continuamente esse processo”.

Foi a partir do método cartesiano que mente e cérebro foram divididos. Essa divisão permitiu, na época, que a medicina estudasse a anatomia do homem sem os preceitos dogmáticos do pecado católico. De lá até hoje, muito se transformou no conhecimento. A medicina agora vive entusiasticamente os momentos posteriores ao término do mapeamento genético, o Genoma. A psiquiatria já anunciou ter desvendado mais um passo da anatomia cerebral e um atlas anatômico virtual do órgão foi desenvolvido. Ainda de acordo com a psiquiatria, os novos avanços e o Genoma mostraram que qualquer doença mental, ou ainda, qualquer transformação de personalidade, passa por um universo genético (químico) e também ambiental (físico). É a reunificação do corpo (cérebro) e espírito (mente).

Para o médico biólogo Henri Atlan, estudioso da tênue linha que divide os seres vivos dos não vivos, essa diferenciação está cada vez mais complicada de ser feita. Ele assina no livro o artigo “Vida, conhecimento e ética”. “Nós não podemos mais aceitar a visão tradicional de uma barreira absoluta criando uma grande divisão entre, de um lado, corpos puramente materiais e, de outro, corpos vivos e conscientes animados por uma alma imaterial. Mas isto não é tão fácil, pois a idéia secular que nós próprios fazemos do homem repousa precisamente sobre essa divisão.”

As incertezas

As dúvidas, incertezas, paradoxos e dualidades são caros ao pensamento

---

complexo. Mais uma vez contrariando o método positivista adotado pela academia, a complexidade vê “o princípio da incerteza racional” como um lado inseparável da pesquisa. “Esse conhecimento deve aceitar ser o portador da marca de incerteza e paradoxo, se quiser poder falar da incerteza e dos paradoxos do mundo”, argumenta Edgar Morin.

Maria da Conceição de Almeida, na introdução do Polifônicas..., trata do tema também citando Morin: “Com Aristóteles a contradição foi oficialmente expulsa do pensamento racional ocidental”, embora nem sempre a filosofia tenha encarado as dualidades dessa forma. Com Heráclito, o discurso era “junte o que concorda e o que discorda, o que está em harmonia e o que está em desacordo”.

O “princípio da incerteza” nasce em 1926 com Heisenberg, como relata a pesquisadora em “As artes da nova ciência”, artigo que inicia o livro. Daí em diante, os “conceitos da dúvida” são desenvolvidos por diversos estudiosos. Antes, porém, outro pesquisador havia posto uma “relativização” no pensamento totalitário do saber científico. Como afirma a coordenadora do Grecom no artigo “Conhecimento Científico, derivas e metamorfose”, foi Niels Bohr que em 1901 “disse não ser possível afirmar ‘isso é assim’, mas ‘é isso que podemos dizer de tal ou qual fenômeno’”. É ingênuo, portanto, acreditar que o conhecimento científico é totalizador. É ingênuo, também, propagar verdades absolutas sobre uma ou outra descoberta. É reducionismo do pensamento.

“Se não é possível afastar por completo as armadilhas do pensamento redutor, assumamos o paradoxo do conhecimento humano sempre incerto, parcial, inacabado”, pondera a pesquisadora. Ela ainda conclui: “Assumir a ciência como uma leitura do mundo parcial e como uma meia-verdade é um passo importante para alimentar o diálogo com outras meias-verdades contidas nas

constelações de saberes outros, não científicos”.

Mais uma vez é interessante retornar ao pensamento oriental, no qual as dualidades estão presentes em sua cultura, de forma una. Remetendo ao melhor clichê do ser paradoxal, é só observar o yin-yang, presente no taoísmo e símbolo da coexistência do masculino, luminoso e positivo, com o feminino, escuro e negativo. Para os orientais taoístas, esse clichê abrange todos os aspectos e fenômenos da vida. E é por isso que talvez os orientais não precisem “se acostumar” com a “reforma do pensamento”, reunificação que os novos modelos do saber estão propondo, ou melhor, observando no mundo ocidental. “É preciso não relaxar a disciplina intelectual, mas inverter-lhe o sentido e consagrá-la à realização do inacabado”, sentencia mais uma vez Morin.

#### As artes

“Árvore,  
que pode ser chamada de  
máquina,  
que pode ser chamada de  
pássaro,  
que pode ser chamada de  
carnaval, carnaval, carnaval...”  
Arnaldo Antunes

“O poeta está mais perto da realidade porque sua consciência da natureza da linguagem o permite assumir a essência ilusória da mesma. ‘Os poetas mentem demais’, mas mentem por amor à verdade”, escreve o diretor do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo, Raúl Domingo Motta, no artigo “Entre a metáfora e o silêncio”.

É Nietzsche quem lança na filosofia a questão da união do discurso poético com o científico. Ao mesmo tempo em que fomenta definições, utiliza-se de um arcabouço lingüístico, poetizando o próprio texto e transformando o saber científico

---

em literatura. Raúl Motta escreve que, para Nietzsche, o poeta é um pensador e o pensamento é poesia do mundo, porque o pensamento é metáfora.

Em um ponto, porém, o filósofo convergia com o pensamento positivista de sua época: a crítica à metafísica. Mas “Nietzsche e Borges convidavam a ler a filosofia como discurso literário e a literatura como discurso metafísico”. Esse posicionamento demonstra a consciência de que os discursos científicos são parciais, nunca totalizadores, já que demonstram uma visão pessoal, uma interpretação de mundo contaminada pela linguagem poética, pelas metáforas de cada um.

“Toda linguagem falada é uma abstração, um esquecimento, e a linguagem escrita é um desvio ulterior, desvio e heterogeneidade do som e o signo escrito”, resume Raúl Motta.

Foco semelhante surge no texto “Para além da pureza do método”, de Juremir Machado. No artigo, ele elenca os problemas que o método científico tradicional traz ao saber. “Para o positivismo o método é uma certeza, um caminho, um mapa e um fim. (...) De certo modo, o positivismo está fora do campo do conhecimento por não suportar o desconhecimento.”

Outra crítica de Juremir Machado é sobre a ilusão recorrente de que só existe conhecimento na razão. “Tudo o que é mito, imaginário, fábula, saber empírico, intuição, é construção do saber. Há método na gestão milenar do conhecimento comum. Há sistematização na geração das artes e técnicas que permitem fazer de cada dia uma obra de sobrevivência, de vida e de humanização.”

Partindo para o campo da metáfora, o pesquisador considera que o método e a poesia podem andar juntos. Unindo os dois, prova-se a inexistência da metodologia definitiva, prova-se “que não há método pronto, que não há pureza metodológica”.

O pesquisador que adota a poesia em seu método deve encarar que o caminho

das descobertas é entrecortado. Até mesmo sua bússola (o método) deve ser encarada com desconfiança. O saldo é que os caminhos desembocam em vários outros caminhos, em “pluricaminhos”. “A compreensão do século XXI exige um pesquisador/poeta.”

A jornalista Margarida Knobbe lança mão desse arquétipo (a metáfora) em seu artigo “O antropólogo, o poeta e o pintor”. Aliás, a própria estrutura desse texto está bem distante do que os ditames acadêmicos canonizaram enquanto regra. É um artigo/conto, com narrativa, personagens e diálogos. A discussão-problema é a seguinte: o antropólogo (Lévi-Strauss) busca o conhecimento dos mitos, mas ele quer entender o processo profundamente e, para isso, procura uma linguagem que expresse a essência do seu objeto de estudo. Ele quer fazer “uma relação entre o sensível e o racional”.

Em primeiro lugar, o antropólogo pondera que a música, com sua natureza universal e puramente estética, possa ser a solução. Então procura na natureza a música ideal, mas só encontra ruídos e dali não consegue extrair uma linguagem compreensível.

Nesse ponto surge o poeta (Octávio Paz), metáfora da própria metáfora, e se propõe a ser o interlocutor de sua pesquisa. Segue o diálogo, uma alegoria sobre as discussões maniqueístas, nos moldes ciência e fé, razão e sensibilidade.

No fim, o antropólogo ainda sai convencido de que a música seria a melhor linguagem.

Mas nele há uma nova semente, que a autora batiza por “semelhança” e que se refere ao pensamento analógico do pintor (Magritte).

“Os dois, antropólogo e poeta, tinham suas razões. Os argumentos de um e de outro se enredavam como um labiríntico muro. (...) Como se fosse movida por um rápido pincel, a palavra (semelhança) tomou corpo.

---

Lentamente, foi se fragmentando. Dançando no ar, refez-se em novas formas e cores. Aproximou-se do antropólogo e do poeta dando voz a uma ilustração muda: um homem sentado frente a um cavalete coloria um pássaro, tendo como modelo um ovo branco sobre a mesa ao lado. Ninguém disse nada por instantes.”

Já no artigo “A cultura tecida pela arte contemporânea”, a jornalista Ângela Almeida tece algumas considerações sobre o rumo da arte, bem como sobre a mescla de significados que ela traz. Antes disso, porém, a pesquisadora aponta as diversas facetas que o conceito de cultura tomou ao longo da história, passando pela divisão do mundo entre bárbaros e civilizados (os que detinham a cultura), até o momento atual. Hoje, a cultura é uma mescla de culturas e idéias.

“Nessa antropologia complexa, o homem não é superior a todos, não é mais a medida, nem o centro. Ele é unidual, isto é, cem por cento natureza, cem por cento cultura. Somos também índios, brancos, negros, macacos, árvores, meio máquinas, meio homens, tomamos o espírito da aventura do conhecimento”, escreve Ângela Almeida.

Ao alcançar a arte contemporânea, a autora faz uma consideração interessante. Ela ressalta que hoje a arte conceitual não é a mais importante, assim como nenhum outro campo das artes é mais ou menos importante do que outro. “Todas as tendências são interessantes, pois são diferentes entre si. Tomemos, assim, um novo olhar em várias direções.”

De acordo com o escritor Teixeira Coelho, em seu livro *Moderno Pós-moderno*, essa abrangência que hoje as artes contemporâneas presenciam é fruto do pensamento pós-moderno, que vem se instalando mais ou menos desde meados

do século passado.

Ele explica que todas as correntes estéticas ocidentais existiram para assassinar, ou pelo menos, calar uma estética anterior. Foi assim com o Renascimento, que elevou a ciência num pedestal, em um momento onde apenas a religião poderia ser ouvida; foi assim com o modernismo, quando propôs o fim dos temas “apoteóticos” e “deformou” a estética burguesa.

O pós-modernismo surgiu para unificar. O homem atual, pós-moderno, aceita todas as tendências e a contradição é parte do seu pensamento. O pós-modernismo não nega o modernismo, assimila-o para modificá-lo.

Mais alguma polifonia

Um dos “papas” do jornalismo brasileiro, Alberto Dines, aconselha: “Quando todos estiverem olhando para cima, olhe para o chão para ver se a notícia não caiu”. Estamos em tempos de guerras e intolerância, e ratificando o conselho, fazendo um contraponto, Edgar Morin lança um artigo falando sobre o perdão. “Perdoar é resistir à crueldade do mundo” é o título.

Para Morin, o problema está em como renunciar ao ciclo vingança-punição-perdão, conceito que é tão arraigado na nossa cultura. O cristianismo, por exemplo, promete ser uma saída possível para a quebra do ciclo. “Perdoai, eles não sabem o que fazem” significa para o autor o reconhecimento de que o ser humano é cego por natureza. O mal não passaria de ignorância.

Edgar Morin afirma que perdoar é compreender o outro, pois assim não se reduz o infrator. “Compreender um ser humano significa não o reduzir à perversidade ou ao crime que ele tenha cometido.”

Sobre o terrorismo, considera que os extremistas normalmente sofrem de um auto-engano. “Eles são como alucinados

---

numa redoma. Mas assim que a redoma se rompe, eles voltam a ser pacíficos.” Ele continua dizendo que essas pessoas são ao mesmo tempo responsáveis e irresponsáveis. São pessoas que vivem uma ideologia de guerra em tempos de paz.

Há situações, entretanto, que tanto a punição quanto o perdão tornam-se difíceis, ou melhor, impossíveis, nas palavras de Morin. Ele cita as hecatombes provocadas pelo Estado durante a Segunda Guerra Mundial. O problema é que a responsabilidade está fragmentada do soldado ao mais alto escalão das forças armadas. Todos são responsáveis. “A punição é irrisória. O perdão é impossível.” Ele conclui: “É preciso resistir ao ‘Talião’, à implacabilidade, à incompreensão, enfim, é preciso não ceder à propagação do mal em nós mesmos”.

E é tratando sobre essa incompreensão global, sobre o caos geopolítico, que Edgard de Assis Carvalho, antropólogo e professor da PUC-SP, inicia um dos últimos artigos do Polifônicas Idéias, “Devaneios de um caminhante”. Para o autor, a luta pela existência saiu da cadeia alimentar e atualmente foi transferida para o domínio de nações sobre nações. Todo o século XX foi assim, “uma nova idade das trevas”, como define o pesquisador.

Por outro lado, há uma crescente despolitização global que, somada ao crescimento de ferramentas, bélicas ou psicológicas, é repressora das manifestações e ideologizações políticas. Somadas, têm permitido o avanço do pensamento conservador no mundo. Pensamento que, inclusive, já renunciou o fim da história, com o término das lutas entre classes.

É preciso repolitizar, anuncia Edgard de Assis Carvalho. Mas isso implica “religar, civilizar idéias, refundar noologias insurgentes fundamentadas no desenvolvimento sustentável, desencadeadoras de formas de

solidariedade e responsabilidade. (...) Certamente coibirão as tendências bestializadoras do pensamento único, neoliberal, que instalou o fundamentalismo do mercado em todas as ações humanas”.

O artigo continua propondo algumas saídas, como a necessidade de que o homem enfrente as desigualdades com revolta e ética. Assim seria possível emoldurar uma identidade planetária destituída de “xenofobias, revanchismos, relativismos e falsos perspectivismos”.

“Tenhamos a coragem e a audácia de propor um contrato ético para todos os seres vivos iluminado pela restauração da responsabilidade. (...) Restauração como palavra de ordem, Religião como fundamento ético-pedagógico, Esperança como utopia para a humanidade da humanidade.” Polifônicas idéias: audácia, ética da responsabilidade, restauração, religião, esperança .